

1. COMO SURGE ESTE LIVRO

Conheci Paulo Mendes da Rocha em 1987, em São Paulo, era ele Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-Departamento de São Paulo) e eu Vice-Comissário de uma Exposição sobre arquitectura portuguesa¹ que se inaugurou no SESC Pompeia² de Lina Bo Bardi, com o apoio do dito IAB.

Ficámos amigos muito depressa. Lembro-me de ter ido a sua casa num sábado, ao fim da manhã, para almoçar, com o pretexto de, em seguida, vermos algumas obras relevantes na cidade (suas também, que eram as que já então mais me apetecia conhecer). Essa chegada ficou-me sempre marcada: uma casa lindíssima, o meu espanto perante a delicadeza dos pormenores (os batentes das portas moldados no betão à vista, onde aderiam finíssimos perfis de ferro pintado), um enorme conforto e frescura; as galerias-salas largas da casa ao longo de dois lados do quadrado que era a sua planta; a memória das sombras, do recolhimento das janelas cujos vidros sem caixilhos balançavam sob o generoso prolongamento da cobertura; os favos ou cocos dessa cobertura, as clarabóias neles; os móveis fixos

1 “Tendências da Arquitectura Portuguesa”, uma iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura e do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, comissariada pelo Arq. Carlos S. Duarte.

2 Os SESC (Serviço Social do Comércio) são instituições privadas brasileiras, sem fins lucrativos, de iniciativa dos empresários do comércio, dos serviços e do turismo, vocacionadas sobretudo para o bem-estar social, nas áreas da educação, desporto, saúde, cultura e lazer, dos seus trabalhadores e respectivas famílias, mas abertos à comunidade em geral. O SESC Pompeia, assim designado por se localizar no Bairro de Pompeia, em São Paulo, foi projectado em 1977 pela arquitecta italo-brasileira Lina Bo Bardi, que, reaproveitando os espaços livres entre os armazéns de tijolo da antiga Fábrica de Tambores de Pompeia, recuperou todo o conjunto de um modo inesperado para o pensamento da época, iniciando o debate, no Brasil, da possibilidade de reciclagem do património industrial. O conjunto, e as suas duas torres de ginásios e balneários atadas por *passerelles* vertiginosas, ao fundo, coroando o forte ambiente popular e urbano criado por Bo Bardi, transformou-se rapidamente num ícone da arquitectura contemporânea da cidade.

em betão, prateleiras, estantes, lareira, mesmo um amplo sofá sobreamofadado e uma mesa para trabalho ou refeições (e o buraco no chão, vidrado, em parte sob a mesa, permitindo uma luz misteriosa ou ver quem chegasse, porque a casa está assente sobre *pilotis*, com grande parte do sombreado térreo vazio); Helena, a mulher, a sua simpatia e hospitalidade. Pediu-me que me sentasse, Paulo não tardaria. Ajeitando-me por entre as almofadas e olhando deliciado à minha volta a casa magnífica, ouvi Mendes da Rocha gritar: *Manuel, você está aí?*

O som vinha de umas divisões a meio (que depois pude ver melhor), quartos e casas de banho, sobretudo, iluminadas zenitalmente por providenciais cocos-clarabóia. A particularidade (e esse um dos grandes trunfos da casa, o qual me permitia perceber, daquele ponto, quase toda a forma do enorme quadrado que ela era), a particularidade é que as paredes divisórias não chegavam ao tecto e eu podia ouvir o duche e as cantorias de Paulo Mendes da Rocha aparentemente através daqueles muros de betão escuro que marcavam só uma separação, ao mesmo tempo dura e ligeira, entre os espaços. Era a casa livre de um homem livre.

Antes do almoço, ainda fomos, perto, a um grande café das manhãs de sábado, talvez em Rebouças, cheio de gente da classe média a conversar, a fumar e a ler jornais, *aperitivar* com uma caipirinha. À tarde passeámos pelo *Bairro dos Jardins* ou pela cidade grande, linda e agressiva.

Mostrou-me a (sua) magnífica e abstracta Casa António Junqueira (1976), com o paredão rosa voltado à rua, como uma enorme parede-porta ligeiramente entreaberta, escondendo dentro a complexidade da casa de um colecionador; mas também duas casas de Eduardo Longo (a “Bola” e a “Quadrada”, obras de 1974-1979, quase lado a lado); depois, um edifício de escritórios (Keiralla Sarhan), projecto de 1984, ainda em acabamentos à época, onde o seu cuidado infra-estrutural e a arrumação expressiva que pretendia de todas as partes “servidoras” já caracterizavam o esqueleto elegante erguido singelo contra a banalidade. Falou-me ainda de um outro edifício, este residencial, que desenhava (Aspen), da área concentrada de grandes casarões em andares, como imaginava uma cidade verdadeira, o espaço público em baixo, junto ao solo, o privado depois sobreposto, dos vários ambientes não compartimentados que pretendia, dos enfiamentos de luz, das sugestões de sala só apontadas pela irregularidade de uma parede fronteira, da entrada pelo grande terraço aberto a norte para cada um dos apartamentos do piso, do modo depois disciplinado de concentrar os quartos, reservando à sociabilização das famílias o aberto arejado íntimo do salão conveniente.



PMR. Casa Antônio Junqueira. São Paulo: 1976-1980



Eduardo Longo. Casa "Quadrada" (1979) e Casa "Bola" (1974). São Paulo

Eduardo Longo. Casa "Bola" (porta de entrada)



PMR. Edifício Keiralla Sarhan, São Paulo: 1984-1988



Era noite ou crepúsculo em São Paulo quando nos despedimos e eu fiquei, desde então, ligado a este homem, às suas lições de vida e de arquitectura, preso à serena discordância com que enfrentava o mundo mais grosseiro que nos cerca a todos, ao modo como respondia e construía um discurso de firme resistência e radicalidade com a bonomia de gostar da vida, das pessoas, dos prazeres da vida; grato pela sua generosidade de se entregar, e por uma tarde inteira, à inteira disponibilidade de me guiar pela cidade e pelo modo outro de ver e falar da Cidade e da Arquitectura que tanto nos interessava aos dois.

Em 1998, depois de intermitentes encontros que fomos tendo, em Barcelona (1996, XIX Congresso da UIA) ou São Paulo (1997), convidei Paulo Mendes da Rocha para participar num Seminário que coordenei no Conventinho da Arrábida³. Nesse encontro participaram também muitos dos arquitectos mais interessantes da actual cena portuguesa, e orgulho-me de ter contribuído, com a iniciativa, para uma aproximação e conhecimento mais expressivo entre as várias personalidades presentes e Mendes da Rocha.

³ "O efémero e o permanente (a propósito da Expo'98)". Cursos Gerais da Arrábida, Universidade de Verão. Arrábida: Conventinho da Arrábida, C.N.C.D.P., Julho de 1998.

Em Junho de 1999, noutra das suas passagens por Lisboa, convidei-o para um “passeio” muito específico. Fazia eu, nessa época, um programa radiofónico para a TSF, “Ao volante pela cidade”, já então no seu terceiro ano consecutivo, no qual entrevistava arquitectos, ao sabor do que se ia vendo através de uma viagem de automóvel em que eu conduzia por ruas e troços de cidade que, na generalidade, os convidados me iam indicando.

Consistia o desafio principal do modelo em conseguir fazer compreender aos ouvintes aquilo que ia desfilando pelo nosso olhar em movimento. Tenho boas recordações desse trabalho, do modo de montar depois os sons, à noite, nos estúdios da TSF, com Pedro Vieira, procurando manter o sentido do que tinha sido dito, e mais os ruídos do carro, da cidade, do trânsito; a música que fazíamos coincidir com a de um hipotético rádio a pontuar ou a estabelecer os *raccords* entre as diversas ideias expostas.

Paulo Mendes da Rocha aderiu, entusiasmado. Em relação aos programas anteriores, em que os convidados me indicavam quer a Cidade onde gravar⁴ quer os sítios por onde os deveria conduzir, este surgiu, obviamente, com uma pequena diferença: fui eu, o entrevistador, a guiar o entrevistado ao longo de várias ruas, praças, largos, becos, mas também vias rápidas, pedaços mais antigos, estabilizados, ou, pelo contrário, mais recentes de Lisboa, no sentido de lhe ir ouvindo as reflexões ou de lhe provocar os comentários.

Beneficiando da razoável fluidez de mobilidade automóvel de um feriado em Lisboa (gravámos esta conversa a 3 de Junho de 1999, dia de *Corpo de Deus* nesse ano), a variedade do material recolhido mereceu, depois, três edições distintas, tendo sido emitido (de 15 em 15 dias, ao domingo de manhã, pelas 11:00h, como era hábito), dividido em três partes, a 20 de Junho, a 4 e a 18 de Julho. Coincidentemente, o conjunto “Ao volante pela cidade: Paulo Mendes da Rocha (I, II e III)” foi também a minha despedida da TSF com um género que se prolongava já desde 1997 e que reuniu 46 entrevistados em outros tantos percursos urbanos⁵.

A edição em texto desta longa conversa acompanha de muito perto as três edições áudio, apenas corrigindo alguma oralidade mais excessiva que a ausência do

4 Sucederam-se muitos programas gravados em Lisboa ou no Porto, mas também em Guimarães (Fernando Távora), Oeiras (José Manuel Fernandes), Montijo (Fernando Sanchez Salvador), Gaia (Nuno Portas), Figueira da Foz (Pedro Maurício Borges), Coimbra (José António Bandeirinha), Matosinhos (José Salgado) ou Leiria (José Charters Monteiro).

5 46 entrevistados, que, em todo o caso, corresponderam a 50 programas, já que, além da entrevista a PMR, que foi prolongada por três edições, também as conversas com os Arquitectos Pedro Brandão e José Charters Monteiro foram desdobradas em duas edições cada.